

A PRESENÇA DE ANTONIO MARIA COELHO: TRAJETÓRIA E ATUAÇÃO EM MATO GROSSO

ALUÍSIO GONÇALVES DE FARIAS*

A produção historiográfica recente tem destinado atenção especial para a biografia, estudo da vida de um indivíduo; uma vez que, através desse, é possível visualizar aspectos da sociedade de modo amplo e complexo. Ao observarmos as estratégias e mobilidades dos sujeitos que permeiam as estruturas sociais, devemos considerar que, conforme Bourdieu:

...não podemos compreender uma trajetória sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos no campo na qual ela se desenrolou, e o conjunto das relações objetivas que uniu o agente considerado, o conjunto dos agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis (Bourdieu.1996:185).

Assim, pode-se perceber que o sujeito biografado ocupa em sua vida uma simultaneidade de posições sociais com diversas características e obrigações, que muitas vezes não são levadas em conta pelo pesquisador. Dessa forma, a vida é cheia de bifurcações, caminhos tortos, escolhas e por isso, mudanças.

Nesse sentido, a sociedade é percebida pelas ações dos indivíduos em seu interior, não de forma contraditória, rompendo dessa maneira com as análises tradicionais de classes ou grupos. Assim, é possível observar trajetórias específicas que revelam posturas coerentes ou não com a sociedade, suas escolhas, estratégias, formação acadêmica, constituição de famílias, entre outros.

Diante dessas discussões, pretendo fazer nesta comunicação alguns recortes sobre a trajetória de Antonio Maria Coelho, que nos anos finais da Monarquia recebeu o título de Barão de Amambahy. Trata-se de um personagem que, apesar de ser bastante lembrado pela memória oficial e atuação, em especial na Guerra com o Paraguai e na República, ainda é pouco estudado pela historiografia regional e nacional.

* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História- PPGHIS-UFMT (Universidade Federal de Mato Grosso). Sob orientação da Prof. Dr^a Maria Adenir Peraro. Bolsista CAPES.

Em 9 de dezembro de 1889, chegou em Cuiabá o vapor Coxipó, que trazia a notícia do golpe militar que proclamou a República no país e, nesse mesmo dia, os republicanos, Vital de Araujo, Ernesto Frederico e André Virgilio, procuraram pelo militar Antonio Maria Coelho, em sua casa, para informar-lhe que o Governo Provisório de Deodoro da Fonseca havia decidido colocá-lo no governo do estado; e no mesmo dia, fora empossado no governo. (PÓVOAS, 1982:55)

Tal narrativa representa a entrada de Antonio Maria Coelho na vida política, através da qual, ligado ao Partido Liberal, tornou-se conservador nos últimos anos da monarquia, pela sua decepção por não conseguir emplacar na vaga do Senado, com a morte do Visconde De Lamare, em 1889, sendo substituído por Joaquim Murinho. (RIBEIRO, 2002: 42)

Como primeiro governador do estado, Coelho não teve muitas oportunidades de ações, pois foi muito curto o tempo em que esteve no poder (1889 a 1891), dado ao clima de insatisfação e conflitos que eram constantes. Sua indicação para governo do estado se deveu certamente pela sua longa trajetória enquanto militar, em especial pelas suas ações na “Retomada de Corumbá”, que o transformou na figura expoente do Partido Conservador, ou seja, um herói mato grossense.

Os títulos honoríficos cedidos à Antonio Maria Coelho pelo Império, podem revelar algumas características, como sua filiação ideológica e sua origem nobiliária por ascendência de pai português, o Coronel reformado do Exército Vicente Coelho. Sobre isso torna-se pertinente fazermos alguns apontamentos, pois esses títulos estiveram presentes em grande parte do alto escalão do exército e da elite mato-grossense, na segunda metade do século XIX.

Tais títulos constituíam-se, podemos dizer, em parte de jogo da política da Coroa com a elite. De um lado, o Imperador pretendia conseguir os benefícios da vassalagem e fidelidade e do outro a elite conseguiria recursos materiais e simbólicos. Esse jogo intensificou-se no Brasil durante o Primeiro Reinado (1822-1831), uma vez que foi durante esse período que o Estado dependia de uma elite consolidada e fiel e as ordens eram estratégias para assegurar essa relação aos interesses da Coroa, que de um lado era entendido como benevolência por parte do Império, enquanto de outro era objeto de desejo de pessoas para mostrar sua ligação com o poder régio e sua nobreza, característica que fazia parte de um imaginário aristocrático do antigo regime europeu em uma sociedade estamental. (SILVA, 2011:4-5)

Somente no Primeiro Reinado, foram distribuídas 4592 comendas divididas entre Ordens de Santiago, de Cristo, de São Bento de Aviz, do Cruzeiro e da Rosa. Números que mostram a importância de agraciar e ter uma elite fiel ao lado do poder.

A Ordem Imperial do Cruzeiro era dividida em quatro categorias, ou seja: Cavaleiro, Oficial, Dignitário, Grão-Cruz. Enquanto a Ordem Rosa era dividida em Cavaleiro, Oficial, Comendador, Dignitário, Grande Dignitário e Grão-Cruz.

A estratégia da utilização das ordens foi elemento essencial em todo o período imperial, algumas foram reeditadas, reorganizadas, ou deixaram suas origens religiosas como a Ordem de São Bento, que representou um elo do Monarca com as mais longínquas regiões, como Mato Grosso, considerado sertão, lugar de incivilidade.

Segundo Sena (2006:281), essas ordens contribuíram bastante para a integração do Império com o *sertão*, pois a partir delas o poder central se fazia presente em Mato Grosso, visto que seus portadores desempenhavam funções importantes para a administração imperial em forma de serviços prestado. Com isso, esses estavam mais próximos aos ideais da Corte.

Nesse sentido, Antonio Maria Coelho foi agraciado com os seguintes títulos de: Cavaleiros da Ordem de São Bento de Aviz, em 1862¹, devido aos serviços prestados no Forte de Coimbra. Em julho de 1868, tornou-se um Oficial da Ordem da Rosa, título criado em 1829, por Dom Pedro I, como lembrança de seu casamento com Dona Amélia de Leuchtenberg², a insígnia dessa ordem foi desenhada por Jean Baptiste Debret. Antonio Maria Coelho recebeu o título em virtude das suas ações na “Retomada de Corumbá”, em 1867 e também pela sua fidelidade ao Imperador.

O principal título que recebeu foi o de Barão de Amanbaly, nos últimos anos da Monarquia, agosto de 1888, uma tentativa de assegurar a fidelidade e manter o poder central. Tornou-se então o Barão de Amambahy³. E ano seguinte foi promovido à Grão-Cruz da Ordem de Aviz, último estágio da ordem.

¹ Esse título perdeu sua característica religiosa em 1843, e ficou restritamente ao caráter honorífico militar.

² Amélia Augusta Eugênia Napoleona de Beauharnais, filha da Duquesa de Leuchtenberg, foi a segunda esposa de Dom Pedro, que ganhou o título de Princesa, casou aos 16 anos em 1829. Momento que Dom Pedro criou o título da Ordem da Rosa, cujo título era “amor e fidelidade”.

³ Nome que em Tupy, significa rio das Samambaias. O título de Barão era dado a nobres que prestavam serviços de extrema importância para a nação em período de guerra.

Como podemos observar, até o momento, a trajetória honorífica de Antonio Maria Coelho é bastante rica em informações, o que nos ajuda a pensar sobre a presença militar em Mato Grosso, na segunda metade do século XIX; bem como sua interface com a sociedade.

Passamos agora à compreensão da sua ascensão na carreira militar. Para tanto, tenho como fonte principal a sua *Fé de Ofício*⁴, que é um documento que está localizado no AHEx (Arquivo Histórico do Exército - RJ), datado de novembro de 1888, produzido e assinado pelo seu sobrinho Antonio Anibal da Motta e que traz ricas informações sobre sua vida militar.⁵

Antonio Maria Coelho, nasceu 8 de janeiro de 1827, em Cuiabá, e faleceu em 20 de agosto de 1894. Ele entrou para as Armas em 7 de abril de 1839, no Batalhão de Artilharia, com apenas 12 anos de idade, certamente pela influência paterna.

No ano seguinte, foi promovido à Segundo Sargento e em 1842 tornou-se Cadete de Segunda Classe. Sua ascensão militar foi rápida, em virtude da tradição militar na família. Coelho era filho de Tenente Coronel Reformado Vicente Coelho, que era originário de Lamengo, região norte de Portugal e sua mãe Maria Agostinha Carolina de Almeida, era filha de uma família tradicional de Mato Grosso. Vicente Coelho veio para o Brasil ocupando o posto de Alferes de Batalhão de Caçadores, com D. João VI, fugindo das lutas napoleônicas, e logo foi enviado para Mato Grosso, onde constituiu família. (MESQUITA, 1992:242)

Casou-se duas vezes, sendo a primeira com Ana de Pinho Coelho, com a qual teve dois filhos: Emilio e Adelino. Ela residia na região de Albuquerque, era filha do Major de Infantaria José Rufo de Pinho e faleceu em setembro de 1867, em virtude da varíola que assolava a região. Já o seu segundo casamento, foi com Cristina Jorge Coelho, com quem ele teve três filhos: Poty Coelho, Elisa Coelho e Maria de Lourdes Coelho.

Outro ponto a ser observado em sua trajetória é sobre sua formação acadêmica, fato que o possibilitou também galgar vários postos nas armas do exército, uma vez que a deficiência por militares profissionais era grande, principalmente na região fronteiriça, que representava o Mato Grosso.

⁴ Tal fonte refere-se a um conjunto de documentos acerca do assentamento relativo à vida funcional dos militares, em especial, a dos Oficiais Superiores. Nesse sentido, essas fontes evidenciam as progressões através dos títulos recebidos.

⁵ 19º de Infantaria é uma das unidades militares de suma importância para Mato Grosso do século XIX, por representar uma força de linha fixada na fronteira Oeste com a Bolívia.

O Governo Provincial concedeu licença à Maria Coelho, em 1842, para realizar um estudo preparatório para os exames na Escola Militar da Corte⁶. E no ano seguinte, ele recebeu outra licença, para frequentar a mesma instituição, no Rio de Janeiro.

Durante o período de 1843 a 1846, Antonio Maria Coelho foi aluno regular da Escola Militar da Corte. Após a formatura, ele foi promovido a Alferes para o Corpo de Caçadores de Primeira Linha, em 7 de setembro de 1847⁷. Tal situação estava embasado no Decreto Nº 149, que permitia que os alunos da Escola Militar, aprovados nos dois primeiros anos, fossem promovidos à *Alferes Aluno*, com as mesmas vantagens do Alferes do Exército. (PONDÉ, 1986:141)

Sobre essa instituição, faz-se necessário realizarmos alguns apontamentos, uma vez que esses anos garantiram à Antonio Maria Coelho uma formação profissional enquanto oficial.

Durante a primeira metade do século XIX, a Escola Militar da Corte representou o principal centro de estudos e treinamento militar do Império. Apesar de tal importância, essa Instituição passou por constantes reformas, no que tange à organização do curso, em virtude do conflito entre a formação voltada para “ciência” ou “técnica militar”, entre “teoria” e “prática”, entre escola para “doutores” ou escola para “soldados”. Nesse sentido, as reformas feitas durante os anos de 1832, 1833, 1839, 1842 e 1845 tinham como problemática a construção de uma identidade na formação de oficiais. Porém, destaco aqui que a reforma sob a influência francesa, de 1839, foi a que mais alterou as estruturas desse ensino. (Motta, 2001:54-55)

No ano em que Antonio Maria Coelho entrou para a Escola Militar da Corte, essa passou a ter características civis, conforme foi pensado no início da instituição, em 1811. Assim, os fuzis foram recolhidos da Escola e enviados para o Arsenal de Guerra; pois não eram mais necessários os treinamentos militares, antes realizados às quintas-feiras. (MOTTA, 2001: 68)

⁶ Escola Militar da Corte estava localizado no Rio de Janeiro, originária da Academia Militar da Corte, pelo Decreto 1356 de 14 de janeiro de 1839.

⁷ Fé de Ofício de Antonio Maria Coelho produzido pelo Comando do 19º Batalhão de Infantaria (Antonio Anibal de Matos). - 100/ 10 – 1 – 89. Nº 952 . I – 18 – 149 - 2º Pagina. AHEx – Arquivo Histórico do Exército.

Ainda durante essa reforma, também foi implantado o título de bacharel/doutor. Desse modo, os alunos que completassem os sete anos de curso, recebiam o título de Bacharel e, os que foram aprovados plenamente, em todos os anos, recebiam o título de Doutor em Ciências Matemáticas. Tais títulos significavam certo prestígio social. Com isso tínhamos o militar-bacharel ou militar-doutor, que significava um bom emprego, um bom casamento ou uma boa projeção na política. Com isso, os Capitães, Majores ou Coronéis tornavam-se Doutores. Tal fenômeno, geralmente é atribuído ao Positivismo do final do século XIX. (MOTTA, 2001:69)

Antonio Maria Coelho vivenciava essas transformações institucionais na organização do curso; pois, como já destacamos, ele estava presente nessas instituições entre os anos de 1842 a 1849.

A seguir, destacamos a grade curricular da Escola Militar da Corte: Aritmética, Álgebra, Geometria, Trigonometria e Desenho; no segundo ano: Álgebra Superior, Geometria Analítica, Cálculo Diferencial e Integral, Desenho; no terceiro ano: Mecânica Racional e Aplicada, Física Experimental, Desenho; no quarto ano: Trigonometria Esférica, Astronomia, Geodésia, Química-Minerologia, Desenho; no quinto ano: Topografia, Tática, Estratégia, Fortificação Passageira, História Militar, Direito Militar das Gentes e Civis, Desenho; no sexto ano: Fortificação Permanente, Ataque e Defesa de Praças, Minas Botânica-Zoologia, Desenho; no sétimo ano: Arquitetura Civil e Militar, Hidráulica, Geologia-Montanhística-Metalurgia, Desenho. (MOTTA, 2001:76-77)

A matemática ganhou destaque nesse currículo, por estar muito associada à ideia de progresso e, portanto, era considerada um conhecimento instrumental que deveria estar a serviço das Armas e da Arte Militar; bem como das Engenharias, ou seja, um elemento essencial para a formação do ser militar.

Na grade curricular, a formação para as Armas de Infantaria e Cavalaria exigia somente até o quinto ano, uma vez que os conhecimentos para tais armas eram mais simples do que para a Artilharia e Engenharia, em que era obrigado a completar os sete anos de curso. (MOTTA, 2001:81).

Em 1849, ainda frequentando a Escola Militar da Corte, Coelho terminou o curso de Infantaria e se apresentou ao Corpo Fixo de Caçadores de Cuiabá, onde desempenhou o papel de ajudante e prestava serviços nas Guarnições de Cuiabá, Corumbá e Forte de Coimbra. No

ano seguinte, durante o primeiro semestre, tornou-se Comandante Interino da Segunda Companhia; e também realizava os serviços de Ajudante de Corpo e Ajudante do Conselho Administrativo. Já no segundo semestre, foi destacado para a Fronteira do Baixo Paraguay, ficando naquela região de 1851 á 1854. E foi durante a sua estadia nessa região que casou-se com Ana Pinho Coelho e teve dois filhos⁸.

Antonio Maria Coelho, agora já formado na Infantaria, fazia parte das profundas mudanças instaladas no Exército, no ano de 1850. Marco, que segundo Schulz (1994:27), é o início da profissionalização do Exército, por representar o declínio da elite na oficialidade das Armas. O decreto de setembro de 1850 instituía normas regidas para as promoções por tempo de serviço, abandonando, dessa forma, o sistema aristocrático vigente no Exército até então, privilegiava os filhos das elites para os postos mais elevados nessa carreira.

Nesse sentido, o Exército passou a exigir dos candidatos às patentes, ter a idade mínima de dezoito anos, ser alfabetizado e estar no Exército há dois anos (SCHULZ, 1994:26). Outras mudanças foram quanto as promoções a Primeiro Tenente e a Capitão, que deveriam ocorrer após dois anos em cada posto, podendo demorar bem mais tempo; pois dificilmente apareciam vagas. A meritocracia foi a principal característica dessas mudanças. Com isso a formação acadêmica ganhou destaque e importância e desse modo, aos oficiais de engenharia, estado-maior e artilharia tornou-se obrigatória a conclusão do curso universitário de suas armas (SCHULZ, 1994:27).

Como podemos observar, a profissionalização era fator preponderante para a ascensão e, de acordo com esse critério, as promoções de Antonio Maria Coelho ocorreram a cada dois anos. Inclusive, ele assumiu vários cargos burocráticos na administração militar, como podemos ver a seguir.

Em 1855, Antonio Maria Coelho exerceu a função de Ajudante de Ordem, no Quartel General do Forte de Coimbra, na região sul da província. Nesse mesmo ano foi promovido à Tenente. No ano seguinte, foi adido ao Batalhão de Caçadores de Mato Grosso e novamente exerceu a função de Ajudante de Ordem pelo Comando das Armas.

Em 1857, o Comando das Armas enviou Antonio Coelho para organizar e comandar a Companhia de Canoeiros, na região de Albuquerque e em 29 de julho foi promovido à

⁸ Fé de Offício de Antonio Maria Coelho, Op, Cit. Pg.3

Capitão. A referida unidade servia para fazer a comunicação, de forma rápida, entre as localidades de Coimbra, Albuquerque, Corumbá e Cuiabá (RIBEIRO, 2002:17). Em 1859, foi transferido ao Corpo de Caçadores e ainda no mesmo ano, tornou-se novamente Ajudante da Ordem do Comando das Armas.

Do período de 1860⁹ a 1864 ficou destacado para fronteira do Baixo Paraguai, desenvolvendo as funções no Corpo de Artilharia no Forte de Coimbra, Fiscal de Corpo e logo assumiu o Comando do Forte. Também foi destacado para o Taquari, onde comandou o Núcleo Colonial na região de Coxim e permaneceu até 1864 a serviço do Comando das Armas, na Fronteira do Baixo Paraguai. Nesse mesmo período, permaneceu a disposição do Chefe de Esquadra Augusto Leverger¹⁰.

Como podemos observar, até o momento, Antonio Maria Coelho ficou grande parte do tempo destacado para a região fronteira do Paraguai, o que o faz ter bom conhecimento sobre essa região, como a hidrografia, vegetação, relevo, etc.

No final do ano de 1864, com a invasão paraguaia, Antonio Coelho se retirou para Cuiabá, de onde foi recolhido ao Corpo de Artilharia. Na Capital, desempenhava a função de Fiscal de Corpo e Instrutor de Infantaria.

Na invasão paraguaia no sul de Mato Grosso, ele teve destaque por ter atuado na Região de Albuquerque, retirando famílias inteiras, inclusive a dele. As forças paraguaias entraram na praça de Corumbá, em 5 de janeiro de 1865 e, contrariando a posição de Antonio Coelho e Coronel Camisão, houve um esvaziamento daquela cidade. Coelho começou a levar grupos familiares e índios kinikinaos e Guanás, para o lado esquerdo do Paraguai, seguindo viagem para Coxim, onde chegaram em março e logo em Cuiabá no mês de abril, com umas 120 pessoas. (BARROS, 2007:64).

Com o início da Guerra com o Paraguai, logo em 1865, Antonio Maria Coelho desempenhou a função de Major de Comissão, frente do 50º Batalhão de Voluntários da Pátria, criado para a defesa de Mato Grosso. Em setembro de 1866, Coelho, no comando desse corpo, acampou na região de Mutum, no sul da província. No ano seguinte, ele recuou para Cuiabá, ficando nas mediações da cidade.

⁹ Em agosto de 1862 apresenta problemas de saúde, sofreu de hipertensão do pulmão direito, hemoptise, engorgitamento no fígado e dores, provenientes da Hepatite

¹⁰ Fé de Ofício de Antonio Maria Coelho, Op, Cit. Pg.4

Durante o mês de fevereiro de 1867, José Vieira Couto Magalhães assumiu a Presidência de Mato Grosso, e logo convocou uma reunião para a tentativa de enviar homens para a região de Corumbá. Alguns oficiais presentes posicionaram-se contra, em virtude da falta de estruturas necessárias, como por exemplo, embarcações. Porém, Antonio Maria apresentou uma estratégia de invasão àquela cidade, uma vez que tinha grande conhecimento sobre a região. Em 7 maio de 1867, por ordem do Decreto do Comando das Armas nº 235, tornou-se Comandante do 1º Batalhão Provisório de Infantaria, que era também composto pelo 50º Batalhão de Voluntários. Já em outro Decreto de nº 242, o Comando das Armas mandou seguir expedição para o Baixo Paraguai.

Eles chegaram em uma região denominada de Barrote, na margem direita do rio Paraguai, próximo a Serra do Rabicho, perto de Ladário, no dia 11 de junho e andaram por mais de 25km por terra até chegar em Corumbá, no dia 13 junho. (BARROS, 2007:66)

Após a retomada, no dia 13 de junho, partiu de Vila Maria outra expedição, formada por canoas, vindas também de Cuiabá e desembocando no Rio São Lourenço, trazendo a bordo o Presidente da Província Couto Magalhães, chegou em Corumbá em 23 de junho.

Após a invasão brasileira em Corumbá, por ordem de Couto Magalhães, decidiram recuar e retornar para Cuiabá, por dois motivos: primeiro, por conta da insalubridade encontrada naquela região, em virtude do surto de varíola trazida de Assunção. E depois, por causa da falta de homens para enfrentar um possível retorno dos paraguaios em grande quantidade, como afirma Vilela, citando Couto Magalhães em sua Ordem do Dia nº 2 do acampamento: “Considerando impossível a manutenção dos pontos desta fronteira sem o apoio e uma vigorosa armada que não possuímos: Considerando finalmente os recursos da Província que sabiamente dirige...” (VILELA, 2001:54)

A memória da “retomada de Corumbá” foi utilizada pela elite para fomentar a autoestima na população, mesmo diante das dificuldades para arregimentação de voluntários para a frente de batalha, por isso é recorrente na historiografia como um ato de bravura e repostas aos paraguaios.

Essa “Retomada de Corumbá” rendeu para Antonio Maria o cargo de Major, além de se tornar uma figura expoente do Partido Liberal, que o transformou em herói, pela facção dominante no cenário político. O que colaborou também para sua ascensão militar.

Nos anos posteriores a “retomada de Corumbá”, Antonio Maria Coelho teve maior proximidade com a fronteira boliviana, pois passou a assumir, em 1869, o Comando do 19º Batalhão de Infantaria, na região de Vila Maria, instituição a que esteve ligado, sendo afastado em alguns momentos por ter que assumir funções administrativas.

Nos anos finais do conflito, foi criada uma Comissão, em 11 de fevereiro 1869¹¹, em que Antonio Coelho foi um dos participantes que embarcaram no vapor Antonio João, com destino à Assunção, no Paraguai; com o objetivo de cumprimentar os chefes das operações de invasão à capital paraguaia, como Marquês de Caxias¹² e Visconde de Inhaúma¹³, em nome do Presidente de Província de Mato Grosso¹⁴.

Durante esse ano, houve uma constante movimentação dos corpos presentes em Mato Grosso, para ajudarem nas operações de ocupação de Assunção, sob o comando de Conde D’Eu. Dessa forma, diversas embarcações saíram de Corumbá para o Paraguai, levando forças de linhas como o 2º Batalhão de Artilharia, o 19º e o 21º Batalhões de Infantaria¹⁵.

O comando de Conde D’Eu, em substituição à Caxias nessas operações, em Assunção, representou um momento desgastante da guerra, devido aos quase cinco anos de conflitos, com alta mortalidade e falta de estrutura para as batalhas. Assunção, que estava destruída, foi ocupada por 1700 homens comandados pelo Coronel Hermes da Fonseca, que ainda enfrentava focos de resistências e constantes revoltas populares, além dos saques por soldados brasileiros. (DORATIOTO, 2002: 384).

Em novembro de 1870, Antonio Coelho reassumiu o 19º Batalhão de Infantaria, conforme ofício nº 210. Sobre essa unidade faz-se necessário alguns apontamentos.

O 19º Batalhão de Infantaria se fez presente no conflito com o Paraguai. Durante a invasão dos paraguaios na região sul de Mato Grosso, esse Batalhão permaneceu na Capital,

¹¹ Ainda nesse mesmo ano de 1869, Antonio Maria Coelho passou pela Inspeção de Saúde, através da qual foi considerado incapaz das atividades militares, por apresentar um quadro de Hepatite Crônica, com endurecimento, palpitação do coração e reumatismo articular, resultado pelo sofrimento da Sífilis Constitucional. É uma doença infecciosa e transmitida sexualmente, causada pela bactéria *Treponema Pallidum*. Essa doença evolui em quatro grandes estágios: Primária, Secundária, Latente e Terciária, cada uma desses possui uma evolução do quadro desde ferimentos inicial, passando por problemas neurológicos e nas articulações. Esta doença estava entre as principais que acometia os militares na segunda metade do século XIX.

¹² Comandante e Chefe de todas as Forças Brasileiras

¹³ Comandante e Chefe das Forças Navais do Brasil.

¹⁴ Fé de Ofício de Antonio Maria Coelho, Op. Cit. Pg.8

¹⁵ Correspondência Oficial da Presidência com o Comando das Armas da Província. 17 de maio de 1869. Nº do Livro: 246 – Estante – 08 . Doc. Nº 230.

como estratégia de prevenção a uma possível invasão dos paraguaios à Cuiabá. (Relatório do presidente da Província, julho de 1866, pag. 05).

O 19º era composto, em grande parte, por militares da própria província de Mato Grosso, originários ainda do Corpo de Caçadores de Vila Bela da Santíssima Trindade, na fronteira do Guaporé e transformados em Corpo de Infantaria, em virtude da Guerra, pelo Decreto 3.555, de 9 de dezembro de 1865.

Como já citado neste texto, grande parte das forças de linhas presentes em Mato Grosso, no momento final do conflito, foi enviada para Assunção. Dessa forma, muitos integrantes do 19º de infantaria, ficaram fixados em Assunção, porém outra parte ficou na fronteira do Guaporé, em Vila Maria. Durante do ano de 1871, o 19º contava com 311 praças. (Relatório do Presidente de Província, Agosto de 1871)

Conforme os elogios do Comando das Armas, presentes na Fé de Ofício de Antonio Maria Coelho, frente ao 19º, cobrava constantemente a disciplina e ordem dos praças, além de valorizar e fomentar a Escola Regimental que apresentava bons resultados. Sobre essa instituição, temos a concepção a seguir.

A Escola Regimental possuía aspectos peculiares, pois era um espaço exclusivamente para *praças*; era regular e sistemática, ministrada por um professor. Esses alunos, eram em sua grande parte, oriundos das classes menos favorecidas e subalternos na hierarquia militar; portanto, desprovidos de um conhecimento formal e em sua maioria eram analfabetos.

Com efeito, esse espaço funcionava como possibilidade de profissionalizar dentro das armas e de ascensão na hierarquia, diante do que era oferecido, como por exemplo, para Cabo de Esquadra. (CARLOS, 2009: 2,3)

No período posterior ao conflito, Antonio Maria Coelho esteve no Paraguai, onde vivenciou e ocupou funções militares em um momento ainda bastante conturbado, que representou a tomada de Assunção e as constantes revoltas populares, diante do caos que se formou nessa capital, sobre o poder das tropas brasileiras.

Desse modo, Antonio Coelho fez parte do 8º Batalhão de Infantaria, fixado em Assunção e que posterior a 1876 foi transferido para Cuiabá. Em fevereiro de 1874, Coelho foi responsável por organizar tal Batalhão e conduzi-lo a uma região denominada Luque, em

solo paraguaio, para dispersar revoltas. Essas suas ações renderam-lhe, em novembro, a promoção de Tenente Coronel Graduado.

Também durante esse período, no Paraguai, fez parte da Comissão de Demarcação das Fronteiras entre Brasil e a Paraguai. Tal expedição percorreu as fronteiras do Rio Apa, em Mato Grosso e Salto das Sete Quedas, no Paraguai, em Guaíra no Paraná, chefiado pelo Coronel Eneas Galvão (Barão de Maracaju) e sob comando militar de Antonio Maria Coelho, que permaneceu nessa expedição até 1874.

Mato Grosso, no período do pós-guerra, era uma importante região para as ações militares em Assunção; assim, a comunicação entre as duas regiões eram intensas. Antonio Maria Coelho, mesmo no comando o 8º de Infantaria no Paraguai, assumiu o 19º fixado em Corumbá em junho de 1874¹⁶.

Porém, por ordem da Brigada das operações em Assunção, embarcou em novembro de 1874 para Mato Grosso, apresentando-se em Corumbá, em Primeiro de Fevereiro de 1875, onde assumiu o Comando das tropas do 19º de Infantaria, que estava estacionado naquela cidade; mas logo seguiu viagem com as companhias dessa unidade para a cidade de Vila Maria, onde assumiu o comando militar daquela localidade e do Batalhão, com um total de 434 homens. (Relatório do Presidente de Província, maio de 1875: 20).

As operações e cargos ocupados no pós-guerra, abriram grandes possibilidades de ascensão à Antonio Maria Coelho; pois este ganhou a chefia do Comando Militar de Vila Maria e grandes elogios. Com isso, em 1876 foi enviado a comandar o 2º Batalhão de Infantaria em Pernambuco, por ordens da Corte, onde permaneceu por dois anos e retornou novamente para Vila Maria para ocupar suas duas grandes funções: o Comando Militar e o 19º de Infantaria¹⁷. Também nesse período, ocupou por 6 meses o Comando das Armas¹⁸.

Durante sua permanência em Vila Maria, em agosto de 1880, Antonio Coelho enviou à Câmara Municipal uma petição para a instalação do Marco do Jauru, na praça da Matriz, porém somente em fevereiro de 1883 conseguiu finalizar a empreitada e solicitar o pagamento dos seus serviços à Câmara, no valor de 93\$975¹⁹. (MENDES, 1973:82)

¹⁶ Fé de Ofício de Antonio Maria Coelho, Op, Cit. Pg.9

¹⁷ Fé de Ofício de Antonio Maria Coelho, Op, Cit. Pg.14-15

¹⁸ Fé de Ofício de Antonio Maria Coelho, Op, Cit. Pg.17-18

¹⁹

Antonio Maria Coelho permaneceu até por volta 1888 nessa região fronteiriça. Durante grande parte desse período, chefiou o 19º de Infantaria, onde construiu o Quartel para tal unidade, em 1883; mesmo com poucos recursos disponível e auxiliando o chefe da polícia frente ao Comando da região militar.

Essas ações colaboraram para que, em 1885, fosse promovido à Coronel Graduado e, em agosto do mesmo ano, tornou-se efetivamente Coronel. Em abril de 1886, por ordem do Comando das Armas, seguiu para Cuiabá, para fazer parte do Conselho de Investigação e Guerra e, em setembro do mesmo ano voltou e reassumiu o Comando Militar de Vila Maria e do Batalhão 19º.

Em 28 de abril de 1886, casou-se com Christina Jorge Coelho, com a qual teve dois filhos: Vicente Coelho, que nasceu em 23 de junho de 1884 e Cezar Coelho, que nasceu em 9 de outubro de 1885.

Pelo Decreto de 19 agosto de 1888 e pela Ordem do Dia do Exército nº 2198, de 22 de agosto, tornou-se Brigadeiro aos 61 anos, segundo sua *Fé de Ofício*, por conta da atuação para a ordem dos seus subordinados, além de sua gestão eficiente quanto aos dispêndios aos Cofres Públicos, na região de Vila Maria; deixando posteriormente o Comando do Distrito Militar e do Batalhão²⁰. E em 1890 ascendeu como General, momento em que estava no governo do Estado.

E sobre a entrada de Antonio Maria Coelho no governo, é necessários fazermos algumas reflexões. Após a tentativa frustrada de entrar para o Senado pelo Partido Liberal, em 1888, ele é indicado para o governo junto com o golpe da Proclamação da República, com Deodoro da Fonseca, companheiro de farda em 1889. Assim, várias outros estados passaram a ser governados por militares, pois os republicanos eram poucos e o presidente tinha maior alinhamento aos seus companheiros de taberna²¹.

A indicação de um militar no Governo Provisório, certamente representava, também, alto de grau de instabilidade vivenciado pelo estado naquele momento, como afirma Fanaia:

²⁰ Fé de Ofício de Antonio Maria Coelho, Op. Cit. Pg.19

²¹ Sobre isso ver: HAHNER, June E. Relações entre civis e militares no Brasil (1889-1898). São Paulo:Pioneira, 1975.

A presença de oficiais superiores nas três primeiras administrações em Mato Grosso não chegou a surpreender. Afinal, além de ser uma região tradicionalmente militarizada, a mudança do regime contou com a ostentação dos militares, cabendo aos mesmos a direção do país até 1894. A participação de oficiais superiores à frente do governo estadual não deve ser compreendida como uma concessão das elites políticas locais, e sim o esgotamento das possibilidades de resolução internas dos problemas políticos, situações limites que demandavam interdições externas. (FANAIA, 2010:85)

Durante o século XIX, a política em Mato Grosso estava nas mãos das decisões tomadas na Corte; porém, depois da proclamação, a luta pelo poder foi violenta, sem grandes mudanças e sem uma força capaz de controlar as disputas. Assim, a busca por legitimidade foi constante, e de um dia para outro os ideais republicanos foram aparecendo na sociedade. Em abril de 1890, surgiu o Partido Nacional Republicano, chefiado por Antonio Maria Coelho. Esse partido era bastante heterogêneo, havia até ex-conservador (PORTELA, 2009:46). Mas, logo, em julho do mesmo ano, foi criado um partido opositor, o Partido Republicano, chefiado por Generoso Ponce, que reunia os adversários políticos de Antonio Maria Coelho, também bastante heterogêneo. Em virtude desses embates e um novo cenário montado, Generoso Ponce e Joaquim Murтинho (Médico particular de Deodoro da Fonseca) conseguiram depor Antonio Maria Coelho e, colocaram o Coronel Frederico Solon Sampaio, provisoriamente no governo, em fevereiro de 1891, e a Assembleia elegeu José Manoel Murтинho para o governo, em maio do mesmo ano. (PORTELA, 2009: 47)

No ano seguinte, o clima de insatisfação no cenário político foi crescente, com a tentativa de golpe de Deodoro da Fonseca, que dissolveu o Congresso (1891) e a entrada de Floriano Peixoto²², de forma ilícita, provocou grandes revoltas dentro do próprio Exército e principalmente nos estados.

Nesse sentido, em Mato Grosso os militares também revoltaram e solicitaram a saída de Manoel Murтинho do governo do estado, devido a sua posição de apoio a Deodoro e também exigiram novas eleições presidenciais. É nesse cenário que Antonio Maria Coelho ressurgiu na política, pois ele foi um dos que assinaram o “Manifesto dos 13 Generais”, e que por conta disso foi reformado como Marechal.

²² Segundo a constituição de 1891, com a renúncia de Deodoro da Fonseca, deveria entrar no poder o vice por noventa dias para promover eleição.

A tentativa do golpe teve início em Corumbá, onde estava concentrada a maior força de linha do estado. Em janeiro de 1892, o Major do Exército Antonio Anibal da Mota, sobrinho de Antonio Maria Coelho, Comandante da Flotilha, em Ladário, Manoel Augusto Castro Menezes e o Capitão Tenente Francisco José Vieira, depuseram os representantes do governo que estavam em exercício naquela região. Logo, organizaram um movimento para seguir a Cuiabá, com o apoio de pessoas Partido Nacional Republicano (do ex-governador Antonio Maria Coelho) de Cuiabá, com homens do Batalhão 21º de Infantaria, na capital conseguiram, também, o apoio do 8º Batalhão de Infantaria e de homens do Arsenal de Guerra, segundo Barreto (2002:17).

Esse movimento tinha, também, a pretensão de tirar o partido político de Antonio Coelho do ostracismo, e inaugurou renovação dos partidos no poder, por meio da violência, fato que se repetiu durante a Primeira República, em Mato Grosso.

Assim, depuseram Manoel Murtinho, em fevereiro de 1892, e colocaram em seu lugar o vice-governador eleito no Congresso Coronel Luiz Benedito Pereira Leite. Contudo, tal situação não durou muito tempo, pois esse movimento golpista militar perdeu força de membros e não tinha o apoio do governo de Floriano Peixoto. Logo, Manoel Murtinho retornou ao governo, momento de intensos conflitos e tentativas de golpes, que continuaram nos anos seguintes. Em 1893, os integrantes do Partido Nacional foram arrancados a força do poder por Generoso Ponce, depois de um conflito armado na Capital. (ARAÚJO, 2002: 17-19; BARRETO, 2005:12-13).

Antonio Maria Coelho, após as derrotas e intensos conflitos políticos, decidiu sair da vida pública em 1894, e partiu para Corumbá, local onde faleceu em agosto do mesmo ano.

A partir da trajetória de Antonio Maria Coelho, tivemos a possibilidade de caminhar por momentos que marcaram a memória regional, como a Guerra com o Paraguai e o processo de Implantação da República em Mato Grosso, além de conhecermos a sua formação militar e atuação frente as unidades estabelecidas em Mato Grosso.

O que caracterizou a trajetória desse militar foi a sua atuação na fronteira, região que apresentava as contradições e a própria essência do povo mato-grossense.

Observa-se que diante da trajetória de Antonio Maria Coelho, a biografia fornece subsídios para repensar a produção historiografia e a relação indivíduo x sociedade; nota-se

também que o indivíduo não existe por si só, mas por uma rede social extensa e diversificada de forças sociais. Antonio Maria Coelho fazia parte de uma rede social que foi de suma importância para sua ascensão na carreira; seja por suas origens paternas, seja por suas filiações ideológicas monárquicas e depois republicanas.

Com efeito, os recortes e descrições dos relatos documentais aqui apresentados são apenas fragmentos de uma longa trajetória, uma vez que a vida é extremamente complexa ao ponto de impossibilitar que da história possa dar conta de sua representação na íntegra.

BIBLIOGRAFIA:

ARAÚJO, Vital Batista de. *Reflexões críticas sobre a Revolução de Mato Grosso*. Cuiabá: IHGMT, 2002.

BARRETO, João Francisco Novaes Paes. *As Revoluções de Mato Grosso e suas causas*. Cuiabá: IHGMT, 2005.

BARROS, Ruy Coelho. *A Guerra com o Paraguai – Aspectos Polêmicos: Aprofundamento*. Cuiabá. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História-UFMT. 1997.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. (org.). **Usos & abusos da história oral**. 8.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

CARVALHO (1977), José Murilo de. As Forças Armadas na Primeira República: o poder desestabilizador. In: Boris. *História Geral da Civilização Brasileira: O Brasil Republicano*. 2 ed. São Paulo: DIFEL, 1977, p. 181-234. (Estrutura de poder e economia, t. 3, v. 2)

CARLOS, Erenildo João. *O discurso Jurídico-Militar do Exército Brasileiro sobre a Educação de Adultos nos anos de 1890 A 1930*. In: XXXII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação, 2009, Caxambú. XXXII Encontro Nacional de Pesquisa educacional, 2009.

FANAIA, João Edson. *Elites e Práticas Políticas em Mato Grosso na Primeira República (1889-1930)*. Cuiabá: EDUfmt, 2010.

MENDES, Natalino Ferreira. *História de Cáceres: História da Administração Municipal*. Tomo I. Cáceres-MT, 1973.

MESQUITA, José de. *Genealogia matogrossense*. São Paulo: Resenha Tributária, 1992.

MOTTA, Jehovah. *Formação do Oficial do Exército: Currículos e regimes na Academia Militar: 1810-1944*. 1ª reimpressão. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército (Bibliex), 2001.

PONDÉ, Francisco de Paulo e Azevedo. *História Administrativa do Brasil: Organização e Administração do Ministério da Guerra no Império*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército. 1986.

PORTELA, Lauro Virginio de Souza. *Uma República de muitos Coronéis e Poucos Eleitores: coronelismo e poder local em Mato Grosso (1889-1930)*. 2009. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História). UFMT/ICHS, Cuiabá.

SENA, Ernesto Cerveira. *Entre Anarquizadores e Pessoas de Costumes – A Dinâmica Política e o Ideário Civilizatório em Mato Grosso (1834-1870)*. Tese de Doutorado (Programa de Pós-graduação em História – UNB). Brasília, 2006.

SCHULZ, John. *O Exército na Política: Origens da Intervenção Militar: 1850-1894*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

SILVA, Borges Camila. *As comendas honoríficas e a construção do Estado Imperial (1822-1831)*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

VILELA, Marlene Menezes. *Quando o dedo de Deus apontou a nossa Província ao anjo da morte: A ocasião da varíola em Cuiabá, 1867*. 2001. Dissertação de Mestrado. (Mestrado em História). UFMT/ICHS, Cuiabá.